

DOSSIÊ: A 'POLI-PERIFERIA' E O 'GIRO PERIFÉRICO' NOS ESTUDOS URBANOS

NARRATIVAS PERIFÉRICAS E ETNOGRAFIAS URBANAS: A ÓTICA COTIDIANA DOS SUJEITOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS URBANAS

*Karina Malachias Domingos dos Santos**

*Arthur Magon Whitacker**

*Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Presidente Prudente, SP, Brasil

Resumo

Utilizamos elementos de etnografia urbana e pesquisa-ação para examinar práticas socioespaciais e experiências urbanas a partir de uma perspectiva periférica. O estudo, realizado nos distritos de Cidade Tiradentes e São Mateus, na cidade de São Paulo, avaliou percursos urbanos acompanhados e narrativas de moradores que, associadas às vivências da pesquisadora, desvelaram uma condição periférica singular, cindida e reveladora da fragmentação socioespacial.

Palavras-chave

Produção do Espaço Urbano; Experiências Urbanas; Etnografia Urbana; Periferias Urbanas; Mobilidade Socioespacial; Desigualdade e Segregação Socioespacial; Diferenciação Socioespacial.

**SPECIAL ISSUE: 'POLY-PERIPHERY' AND
THE 'PERIPHERAL TURN' IN URBAN STUDIES**

**PERIPHERAL NARRATIVES AND URBAN
ETHNOGRAPHIES: THE EVERYDAY PERSPECTIVE OF
SUBJECTS ON URBAN EXPERIENCES**

*Karina Malachias Domingos dos Santos**

*Arthur Magon Whitacker**

*Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Presidente Prudente, SP, Brazil

Abstract

We have drawn on elements of urban ethnography and action research to examine socio-spatial practices and urban experiences from a peripheral perspective. The study, conducted in the districts of Cidade Tiradentes and São Mateus, in the city of São Paulo, evaluated the urban routes and narratives of residents who, associated with the researcher's experiences, have exposed a unique, fractured peripheral condition that reveals socio-spatial fragmentation.

Keywords

Production of Urban Space; Urban Experiences; Urban Ethnography; Urban Peripheries; Socio-spatial Mobility; Socio-spatial Inequality and Segregation; Socio-spatial Differentiation.

NARRATIVAS PERIFÉRICAS E ETNOGRAFIAS URBANAS: A ÓTICA COTIDIANA DOS SUJEITOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS URBANAS

Karina Malachias Domingos dos Santos

Arthur Magon Whitacker

Introdução

Investigamos a fragmentação socioespacial na cidade de São Paulo por meio da avaliação de experiências urbanas e práticas socioespaciais, considerando tanto o tempo social (mais longo) quanto o tempo do cotidiano, associados à mobilidade e à condição periférica de moradores dos distritos de São Mateus e Cidade Tiradentes. Tal condição foi explorada a partir de três perspectivas complementares: narrativas de sujeitos periféricos, avaliadas por meio da etnografia urbana; o olhar analítico de uma pesquisadora-periférica (primeira autora), situada na periferia como pesquisadora e moradora e cuja leitura decorre da partilha de experiências comuns entre os sujeitos pesquisados e ela própria, enriquecendo a interpretação das realidades observadas; e a mediação reflexiva do pesquisador-observador (segundo autor), que articulou vivências imediatas às dimensões mais amplas da realidade social.

A estrutura do texto foi organizada com esta introdução, onde apresentamos fundamentos teóricos e conceituais sobre a periferia, seguida de uma seção que elegeu narrativas como ponto de partida investigativo, articulando experiências urbanas e práticas socioespaciais avaliadas a partir dos percursos cotidianos dos sujeitos investigados. Em seguida, discutimos o protagonismo desses sujeitos na interpretação e validação dessas narrativas. A quarta seção aprofunda a análise de representações construídas pelos sujeitos e captadas ao longo dos percursos urbanos, compondo as narrativas centrais do texto. Por fim, refletimos sobre os principais achados e as contribuições de nossa investigação para o debate sobre a

produção do espaço urbano em contextos periféricos. Tais narrativas foram destacadas considerando a importância de se valorizar os aspectos culturais e políticos das periferias (D’Andrea, 2021; 2022).

As noções de inequidade e de ausência de meios de consumo coletivos são, via de regra, associadas à periferia por diferentes autores. Milton Santos (2020), por exemplo, questiona a possibilidade de cidadania e de ser cidadão nas periferias urbanas, destacando como morar na periferia muitas vezes significa se condenar à pobreza gerada pelo modelo econômico e socioespacial; ou seja, em nossa interpretação, a situação periférica agudiza a condição periférica.

Entretanto, como sugere Milton Santos (1990a), se o espaço urbano é uma tessitura complexa, não devemos considerar as periferias como um monólito. A noção de periferia é frequentemente estabelecida como uma área situada nos arredores ou limites de um centro urbano, caracterizada por condições socioeconômicas desfavoráveis e ausência de meios de consumo coletivos (Lojkin, 1981), o que impacta negativamente a vida. Por exemplo, autores como Canetti (2019) e Merrifield (2015) abordam a periferia como um resíduo da urbanização, destacando como a produção do espaço urbano reproduz desigualdades e marginalização social, o que corresponde ao padrão de urbanização comumente presente nessas áreas em cidades brasileiras, como aponta Sousa (2019), que associa esse espaço à importância dos conjuntos habitacionais, o que Barone (2013) relaciona à década de 1970, período da ditadura militar. Nesse sentido, autoras como D’Ottaviano (2021), Rolnik (2015) e Maricato (2001) ressaltam a complexa interação entre políticas urbanas, habitação e espaço, apresentando como as intervenções do Estado e a especulação imobiliária resultam em padrões desiguais de ocupação e acesso aos recursos urbanos.

A história da periferia de São Paulo, especialmente da Zona Leste, revela a intersecção de fatores geográficos, sociais e históricos. Milton Santos (1994) aponta como a rápida urbanização e o crescimento populacional marcaram profundamente a formação dessas áreas. Bonduki (2007) analisa como programas habitacionais destinados a esses locais contribuíram para a segregação socioespacial e a precarização da moradia. Kowarick (1993) destaca a falta de serviços públicos e de infraestrutura básica, reforçando as desigualdades sociais.

No entanto, é importante ressaltar a heterogeneidade da periferia e de sua constituição. Cruz e Legroux (2023), por exemplo, abordam a problemática do estigma territorial e das disparidades socioespaciais nas áreas periféricas, enfatizando a importância de desvendar as complexidades inerentes a elas. Em um contexto de disputas teóricas, D’Andrea (2013) discute como a definição de “periferia” evoluiu ao longo do tempo, sendo influenciada tanto pela academia quanto por

movimentos sociais e artísticos. Essa redefinição é crucial para se entender a periferia não apenas como um local de precariedade, mas como um espaço de expressão cultural, sociabilidade e projetos políticos de emancipação, conforme sugerido por Kopper e Richmond (2020).

1. Narrativas, experiências urbanas e práticas socioespaciais

Na tessitura e na organização multifacetada dos espaços urbanos, onde experiências urbanas e práticas socioespaciais se entrelaçam e identidades são erigidas, a etnografia urbana emerge como um procedimento metodológico para avaliação do espaço e do tempo social dos cidadãos. A episteme metodológica do narrar e do grafar experiências e práticas emerge como uma ferramenta essencial, permitindo apreender narrativas dos sujeitos por meio dos seus ritmos e percursos, e, para isso, apoiamos-nos em Certeau (1984) e Geertz (1989), basilares para a compreensão da etnografia urbana e sua relação com narrativas epistemológicas.

Em *A invenção do cotidiano*, Certeau (1984) delinea a importância das práticas do dia a dia, que identificamos com práticas socioespaciais, como expressões de resistência e cultura, destacando a necessidade de uma abordagem que vá além das estruturas dominantes de modo a captar a vivacidade das experiências urbanas. Nesse sentido, ações de sujeitos urbanos, ainda que nem sempre objeto de reflexão autônoma por eles próprios e que relacionamos com práticas socioespaciais e experiências urbanas, devem ser interpretadas e compreendidas, como sinaliza Geertz (1989), a partir do que se pode situar no cotidiano.

Frehse (2016), Goffman (1967) e Lefebvre (2000) compreendem que o espaço é marcado por símbolos que são constantemente recriados por meio de experiências, práticas e ritmos observados no espaço vivido. Este, por sua vez, reflete e é formado pelas dialéticas que desafiam a compreensão uniforme, repetitiva e fragmentada da vida diária (Frehse, 2016). Para Lefebvre (2021), a vida cotidiana oculta estruturas profundas, mas pode, a partir de experiências e práticas, trazer narrativas a serem interpretadas, em nosso caso, pelo ponto de vista da etnografia urbana.

A epistemologia subjacente à etnografia urbana deve reconhecer a importância da subjetividade e da intersubjetividade na construção das suas práticas de investigação. Conforme argumentado por autores como Lareau (2003) e Becker (1998), a posição do pesquisador como um participante ativo na interação social é crucial para uma compreensão autêntica das dinâmicas urbanas. Assim, o ato de narrar e de grafar o cotidiano não é apenas uma técnica metodológica, mas também um ato de reflexão crítica sobre o papel do pesquisador na produção de conhecimento.

A abordagem metodológica da pesquisa etnográfica, conforme proposto por Magnani (2002), não se fundamenta unicamente em um conjunto estanque de

técnicas e procedimentos para coleta e análise de dados, tais como observação direta, anotações detalhadas, realização de entrevistas, aplicação de questionários e execução de mapeamentos (Magnani, 2002, p. 17). Embora possa incluir cada um deles, a depender das especificidades e exigências contextuais de cada estudo, a etnografia deve ser compreendida como uma estratégia de aproximação e compreensão da realidade, permitindo a incorporação flexível de múltiplas técnicas, conforme a necessidade. “Na etnografia, o detalhe é revelador: ele sugere tramas e trajetórias, insinua outras leituras, permite comparar, generalizar, tipificar” (Magnani, 2002, p. 15).

Telles (1994) sublinha a importância da comparação etnográfica, que, em nosso caso, envolve experiências urbanas e práticas socioespaciais que se relacionam à mobilidade urbana. A autora destaca que os sujeitos pesquisados não são passivos, e sim ativos, na construção de suas identidades e na resignificação dos espaços, o que nos indica a possibilidade de avaliar essas ações pelo exame de narrativas.

Assim, a abordagem etnográfica atribui destaque às múltiplas vozes urbanas, considerando narrativas reveladoras de experiências e práticas socioespaciais. Ao explorar as interseções entre mobilidade e espaço urbano, Telles (1994) propõe uma análise que revela particularidades de diferentes grupos. Telles (2006) amplia esse estudo ao investigar trajetórias urbanas, mostrando como os sujeitos vivenciam e transformam seus espaços. Karina Santos (2024) adota essa perspectiva comparativa nas investigações dos sujeitos, considerando as temporalidades e espacialidades das narrativas, as quais são mediadas tanto corporal quanto materialmente. Essas interações se configuram em formas e dinâmicas conflitivas, que não apenas as expressam, mas também delas derivam. Em síntese, propomos o emprego de uma epistemologia da pesquisa no cotidiano vivido (Lefebvre, 2021) a partir da periferia e narrado pelos sujeitos periféricos (D’Andrea, 2020).

A pesquisa narrativa (Breton, 2020, 2023), explora a conexão entre a experiência de referência, a narrativa emergente e a situação narrativa. Para Batista e Sposito (2023, p. 17),

[a] partir deste enfoque, o ritmo da vida cotidiana analisado em um recorte espaço-temporal possibilita apreender hábitos, comportamentos e costumes da sociedade em movimento, às vezes em intervalos de tempo longos, por vezes curtos, mas que configuram a narrativa do sujeito.

A epistemologia da narrativa oferece um arcabouço teórico robusto para compreender as complexas narrativas urbanas, destacando a importância de entender como as narrativas individuais se entrelaçam e influenciam a condição espacial dos sujeitos periféricos, no caso de nossa pesquisa.

2. Narrativas periféricas: a ótica dos sujeitos sobre suas experiências urbanas na periferia

Nesta seção, evidenciamos a investigação e exposição das narrativas de sujeitos periféricos, desvelando suas experiências urbanas. Entendemos que tais experiências por vezes derivam de práticas socioespaciais e outras vezes se expressam nelas. No entanto, essas práticas, que se realizam em um tempo curto, com pouca frequência são objeto de reflexão pelo sujeito, sendo, assim, associadas ao cotidiano. Esse mesmo cotidiano, por sua vez, ao compor um tempo social, o tempo vivido, o tempo do sujeito, pode se tornar representativo de experiências quando objeto de reflexão ou autorreflexão. As narrativas, como proposto por Breton (2020, 2023), possibilitam tal avaliação, e a ritmanálise (Lefebvre, 2021) coloca-as numa perspectiva de movimento e nos serve como metodologia, formando um conjunto etnográfico.

Assim, nosso enfoque foi a compreensão das vivências de sujeitos periféricos (D'Andrea, 2013) ao experimentarem a cidade por meio dos movimentos cotidianos que compreendem suas práticas socioespaciais associadas sobretudo à mobilidade urbana, procurando, assim, identificar não apenas os desafios e adversidades enfrentados, mas também suas estratégias de resistência e adaptação.

Se as periferias são frequentemente associadas a carências e exclusão social, para autores como Kollontai (2017) elas também são espaços de potência onde a vida se manifesta de forma vibrante e criativa. Essa visão é corroborada por Silva (2019), que argumenta que as narrativas periféricas oferecem uma contranarrativa vital às imagens estereotipadas, frequentemente reproduzidas pela mídia e pela literatura tradicional. Cada narrativa se configura como um artefato que proporciona uma visão única sobre uma realidade frequentemente marginalizada em distintas dimensões da vida cotidiana, na qual os sujeitos periféricos emergem não apenas como receptores passivos das circunstâncias, mas como protagonistas na criação de suas próprias narrativas e identidades, permeadas por intrincadas relações socioespaciais (Sposito, 2019) que moldam sua compreensão do espaço urbano e influenciam suas interações com o entorno.

Tais narrativas periféricas podem, por fim, retratar uma condição social que se relaciona à condição espacial e se expressa na constituição de sujeitos distintos. Nesse sentido, Mares e Paula (2023), em diálogo com a temática espacial urbana e com questões interseccionais, a partir de Ratts (2003), Silva (2014), Henning (2015) e Moutinho (2014), indicam que marcadores sociais dos sujeitos podem compor a avaliação das experiências urbanas, o que destacaria as condições social e espacial, indicando múltiplas dimensões.

Baby-Collin (2002), por sua vez, demonstra como habitantes das periferias vivenciam temporalmente a cidade de maneira distinta, muitas vezes com menos significado e mais restrições, em comparação com residentes de áreas centrais ou outras dotadas de melhor acessibilidade e meios de consumo coletivo. Essa diferença é atribuída não apenas à distância física de áreas centrais e à precariedade dos serviços de transporte, mas também à natureza das atividades diárias, que tendem a ser mais orientadas para a sobrevivência do que para o lazer.

Além disso, Baby-Collin (2002) destaca que a cidadania é construída por meio das interações espaciais e do sentimento de pertencimento à cidade, que é especialmente complexo em áreas periféricas. Esse processo pode ser visto ao mesmo tempo como uma forma de resistência e uma expressão de identidade urbana, sugerindo que o direito à cidade para moradores periféricos envolve tanto o reconhecimento de suas contribuições quanto a contestação das narrativas urbanas dominantes. Portanto, a avaliação das experiências urbanas e seu registro pelas narrativas e ritmos, expressos em nossa pesquisa por uma combinação de texto e cartografia, são concomitantemente objeto de análise, por um lado, e voz e registro dos sujeitos pesquisados, por outro lado.

3. Etnografias dos percursos urbanos

Conceitual e metodologicamente, apoiamo-nos em pontos de partida fundantes que ilustraram: uma condição periférica (Canettieri, 2020; Sposito, 2022); um processo narrativo e suas interpretações (Breton, 2020; 2023; Batista; Sposito, 2023); e a autonomia do sujeito/sujeito periférico (D'Andrea, 2013, 2020; Frehse, 2008, 2016). Procedimentalmente, elegemos os percursos urbanos acompanhados (Jesus; Catelan; Calixto, 2022; Pereira, 2006), associados a entrevistas com cidadãos (Góes et al., 2022) e registrados com o emprego de técnicas netnográficas (Flores et al., 2023). A ligação entre a dimensão conceitual e a da prática de investigação se deu pela compreensão do valor da ritmanálise (Lefebvre, 2021) como amálgama metodológico entre a teoria e a empiria, apreendida a partir dos percursos e entrevistas e fundamental para que pudéssemos assimilar as representações dos sujeitos pesquisados.

Nossa abordagem do problema de pesquisa articula conceitos, postos em debate e aplicação, e procedimentos e técnicas de investigação, abordando a mobilidade durante percursos e neles conduzindo entrevistas, realizadas em movimento e com os sujeitos pesquisados.

Demos atenção a narrativas que ilustram como sujeitos interpretam o espaço urbano, especialmente a periferia, que emerge como ponto de referência para se compreender tais vivências. Destacamos múltiplas experiências urbanas presentes

nesse contexto, representadas pelos sujeitos colaboradores da pesquisa, que incluem Cris, Marta, Hortência, Joana, Guta, Isaac, Inácio e Dante (Quadro 1).

Cris	
Homem negro, jovem, de 20 anos, morador de Cidade Tiradentes.	Estudante de Geografia na Universidade de São Paulo (USP) e monitor aprendiz no Museu da Casa Brasileira.
Marta	
Mulher parda, adulta, de 42 anos, moradora do Jardim Colonial, São Mateus.	Assistente de vendas na zona cerealista do Brás e do Parque Dom Pedro.
Joana	
Mulher negra, jovem, de 24 anos, nascida em Cidade Tiradentes e moradora de São Mateus.	Estudante de Artes Visuais na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e educadora na Fábrica de Cultura Jaçanã.
Dante	
Homem negro, adulto, de 34 anos, morador de São Mateus.	Professor na rede estadual de ensino de São Paulo, educador popular e pesquisador no centro de documentação nas periferias da Zona Leste.
Hortência	
Mulher negra, adulta, de 41 anos, moradora de Cidade Tiradentes.	Acompanhante de idosos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na Unidade Básica de Saúde (UBS) Guaianases 1. Coordenadora de trabalhos voluntários em Cidade Tiradentes.
Guta (Augusta)	
Mulher parda, jovem, de 24 anos, moradora do Barro Branco, em Cidade Tiradentes.	Secretária em faculdade particular na Lapa de Baixo, zona noroeste de São Paulo. Estudante de Marketing Digital.
Inácio	
Homem negro, adulto, de 49 anos, morador do Bairro Castro Alves, em Cidade Tiradentes.	Organizador de projetos sociais voluntários esportivos em Cidade Tiradentes; motorista na Faculdade Getúlio Vargas (FGV), na área central de São Paulo.
Isaac	
Homem branco, jovem, de 26 anos, morador do Jardim Tietê, em São Mateus.	Enfermeiro no Hospital Emílio Ribas, no Pacaembu.

Quadro 1. Perfil dos sujeitos periféricos colaboradores que compõem a pesquisa

Fonte: Santos (2024).

A sistematização das narrativas pode ser compreendida a partir de duas dimensões principais: *experiência vivida* (Vr) e *experiência narrada* (Vn) (Breton, 2020). A experiência vivida se refere à totalidade das vivências de um sujeito, englobando emoções, percepções e interações que ocorrem em dado momento. Essa experiência é única e subjetiva, refletindo a realidade pessoal de quem a vive. Por outro lado, a experiência narrada se refere ao modo como essas vivências são transformadas em narrativa, permitindo ao sujeito compartilhar e interpretar suas

experiências para um público. Essa transformação envolve a escolha de elementos, a estrutura da história e a linguagem utilizada, em um processo que altera a compreensão da própria experiência e a reflexão sobre ela.

A situação narrativa é o contexto no qual essas histórias são construídas e compartilhadas, incluindo fatores como os aspectos social, cultural e temporal, que influenciam tanto sua produção quanto sua recepção. A situação narrativa é fundamental para entender como as experiências são moldadas e como elas ressoam em diferentes contextos.

Breton (2020) sugere avaliar como essas experiências se conectam com contextos mais amplos ou com as experiências de outros sujeitos. No Quadro 2 expomos a sistematização das narrativas de acordo com o referencial metodológico.

Cris	<i>Experiência vivida [Vr]:</i> Cris descreve sua jornada pela cidade de São Paulo, destacando as diferenças socioespaciais entre a periferia e o centro. <i>Situação narrativa:</i> Ele expõe suas percepções e experiências, ressaltando a falta de representatividade e a segregação presentes na cidade.
Marta	<i>Experiência narrada [Vn]:</i> Marta compartilha suas dificuldades diárias, principalmente a falta de tempo para lazer e atividades físicas. <i>Situação narrativa:</i> Ela destaca os desafios enfrentados por quem vive na periferia, como conciliar múltiplas responsabilidades e lidar com infraestruturas precárias
Joana	<i>Experiência vivida [Vr]:</i> Joana revela sua profunda conexão com a periferia e suas preocupações com acesso a serviços públicos e transporte eficiente. <i>Experiência narrada [Vn]:</i> Ela compartilha suas atividades cotidianas e o papel dos espaços culturais na periferia. <i>Situação narrativa:</i> Joana destaca sua identidade e pertencimento à periferia, ressaltando as relações comunitárias e a resiliência dos moradores locais
Dante	<i>Experiência vivida [Vr]:</i> Dante observa as dinâmicas urbanas da periferia, destacando a falta de investimentos em infraestrutura. <i>Experiência narrada [Vn]:</i> Ele reflete sobre as transformações urbanas e a vida cultural na periferia. <i>Situação narrativa:</i> Dante discute os desafios e oportunidades na periferia, enfatizando a importância da solidariedade e do ativismo comunitário.
Hortência	<i>Experiência narrada [Vn]:</i> Hortência compartilha suas observações sobre a periferia, abordando questões de mobilidade, serviços públicos e segurança. <i>Situação narrativa:</i> Ela destaca a necessidade de políticas públicas que promovam a inclusão social e a segurança dos cidadãos na periferia.
Guta (Augusta)	<i>Experiência vivida [Vr]:</i> Guta descreve sua experiência pessoal na periferia, abordando questões de segurança e mobilidade. <i>Situação narrativa:</i> Ela expõe suas percepções sobre o ambiente em que vive, destacando a falta de pertencimento e os desafios do transporte público.
Inácio	<i>Experiência vivida [Vr]:</i> Inácio descreve seu trajeto diário na periferia, destacando os desafios do transporte público e as disparidades socioeconômicas. <i>Situação narrativa:</i> Ele reflete sobre as condições precárias de trabalho e a falta de estabilidade empregatícia enfrentadas por muitos na periferia urbana.
Isaac	<i>Experiência vivida [Vr]:</i> Isaac oferece uma visão das complexidades da periferia, reconhecendo suas deficiências e potenciais. <i>Situação narrativa:</i> Ele destaca a importância dos serviços públicos e dos espaços culturais na vida cotidiana dos moradores, além das preocupações com segurança e qualidade de vida.

Quadro 2. Sistematização das narrativas a partir de Breton (2020)

Fonte: Breton (2020); Batista; Sposito (2023). Organizado pelos autores.

Na Figura 1, apresentamos a cartografia-síntese de registro dos percursos realizados pelos sujeitos periféricos estudados, cujas narrativas distintas e complementares acompanhamos em seus percursos. Assim, tal materialidade cartográfica compõe uma narrativa coletiva. Na imagem, devemos avaliar, para além do imediato, a circulação dos sujeitos pela cidade e as interações sociais e alcances espaciais, dinâmicas cotidianas que são essenciais para uma compreensão dos espaços urbanos, especialmente nas periferias.

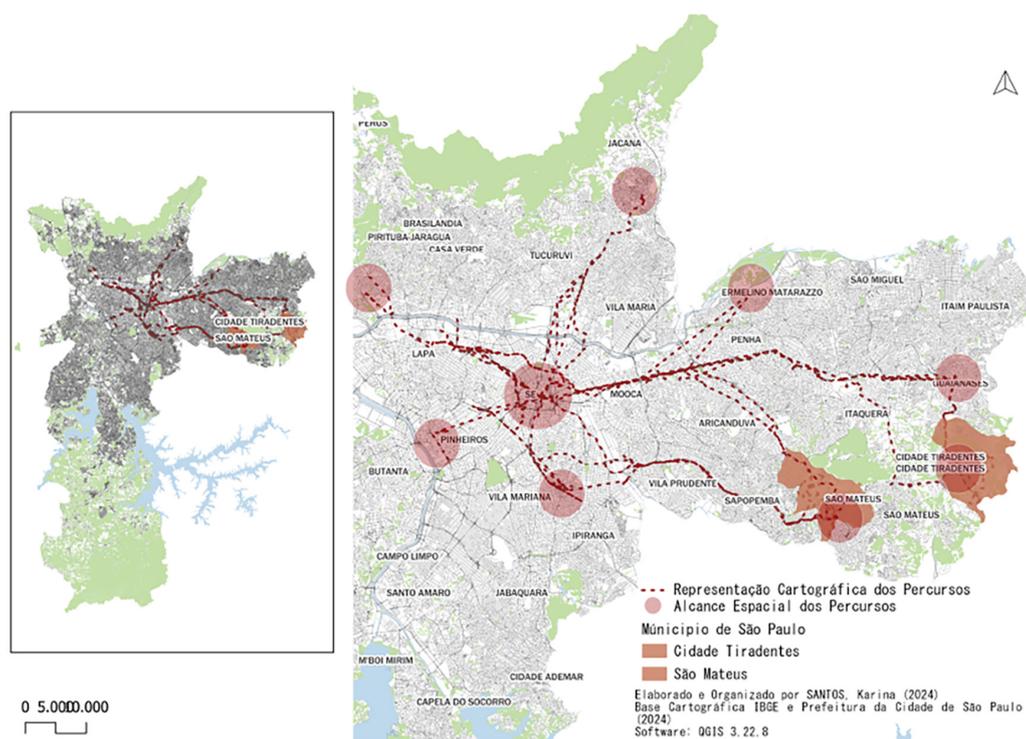


Figura 1. Representação cartográfica dos percursos dos sujeitos pesquisados no município de São Paulo em 2024, destacando os trajetos principais (linhas tracejadas em vermelho) e suas áreas de influência (círculos vermelhos)

Fonte: Santos (2024).

3.1. Cris: periferia é o centro

Seu percurso revela dimensões socioespaciais, representações e experiências em relação à mobilidade urbana, desigualdades sociais e culturais, identidade e pertencimento. Ao expressá-los, Cris considera permanências e identidades contrastantes entre o local onde trabalha, na Faria Lima, e sua vivência racial, bem como a de sua família:

Pra mim é isso, aqui é o centro branco de São Paulo, a realidade é essa, pelo menos pra mim, aqui é o centro branco. Eu, assim, me considero pardo, meio-termo, minha mãe é branca, meu pai é negro,

então meio-termo. Então, tipo assim, o centro é na periferia, a junção, nossa origem. A gente vai olhar e, porra, uma pessoa da minha cor, com o cabelo igual o meu, tem uma origem igual a minha. Meu pai não estudou, minha mãe estudou agora com 40 anos, que ela terminou o EJA [Educação de Jovens e Adultos], sabe, e aqui não, que vão ter pais que eram donos de fazenda, que escravizaram meu pai, minha vó. Aqui é o centro branco, foi construído pra ser bonito, pra ter árvore. (Santos, 2024, p. 128)

Cris se locomove por modais distintos, que contribuem com práticas e experiências ao longo de seu percurso, que envolve o deslocamento da Cidade Tiradentes, periferia da Zona Leste, até a Faria Lima, área concentradora de grandes corporações do capital na cidade. Cris compreende diferenças entre os espaços por onde passa, destacando a artificialidade e o distanciamento social na Faria Lima, em comparação com a afetividade e a vida urbana de Cidade Tiradentes.

Eu acho que, tipo, a periferia soa muito romântico, mas, pra mim, eu gosto muito de andar de noite, e, tipo, mano, umas 21 horas, 19 horas, a Cidade Tiradentes é um lugar que pulsa vida, você anda na rua, vê gente bebendo, jogando, andando de patins, bicicleta, fazendo caminhada, e aqui na cidade pode até ter, mas é uma outra relação, as pessoas andam cismadas, sei lá. Acho que é real, as pessoas pensam que na favela, lá na Tiradentes, Guaianases, São Mateus, as pessoas andam tudo com medo. Anda com medo sim, mas só que, tipo, não, a Faria Lima é maior. (Santos, 2024, p. 126)

Cris revela compreender nuances de diferenciação socioespacial e desigualdade social, esta última se acentuando em marcadores raciais, enfatizando a falta de “calor humano” e a prevalência do medo na Faria Lima, em contraste com a vivacidade e a sensação de comunidade na periferia. Associa sua identidade e pertencimento à periferia, destacando sua origem e a luta por reconhecimento e representatividade. Revela sentir repulsa e alienação em relação ao espaço de trabalho na Faria Lima e adota estratégias de resistência e reconexão com sua identidade por meio da música:

Eu tenho repulsa, fico com nojo, eu odeio tá aqui. Quando tô aqui, minha playlist muda muito. Quando tô no ônibus, ouço uma música mais ambiente, assim, e fico na janela olhando, Pink Floyd; e quando eu chego aqui, é Racionais MC's e Facção Central, essas porras pro ódio, sabe, pra diluir o ódio, então eu ouço muito rap [...]. Quando eu me distancio da periferia, eu quero voltar pra ela, então ouço rap; eu tento voltar, transformar aqui no ambiente que eu me sinto pertencente. (Santos, 2024, p. 127)

Por fim, Cris ressalta a identificação com a pesquisadora por serem periféricos, acentuando o pertencimento à periferia:

Eu me identifico assim como você se identifica, eu acho, a pessoa que quer voltar pra periferia e fazer coisas por ela, por São Mateus, né? Eu quero voltar pra Tiradentes, ou São Mateus, Guaianases, mas acho que tem muitas formas. Acho que tem gente na periferia que isso não é problema. (Santos, 2024, p. 128)

3.2. Marta: o tempo

Marta, em cujo percurso registramos as imagens das Figuras 2 e 3, afirma, em sua fala, não notar distinção entre centro e periferia, porém em sua narrativa conseguimos identificar como ela vivencia de modo distinto essas duas áreas e compreende a condição periférica.

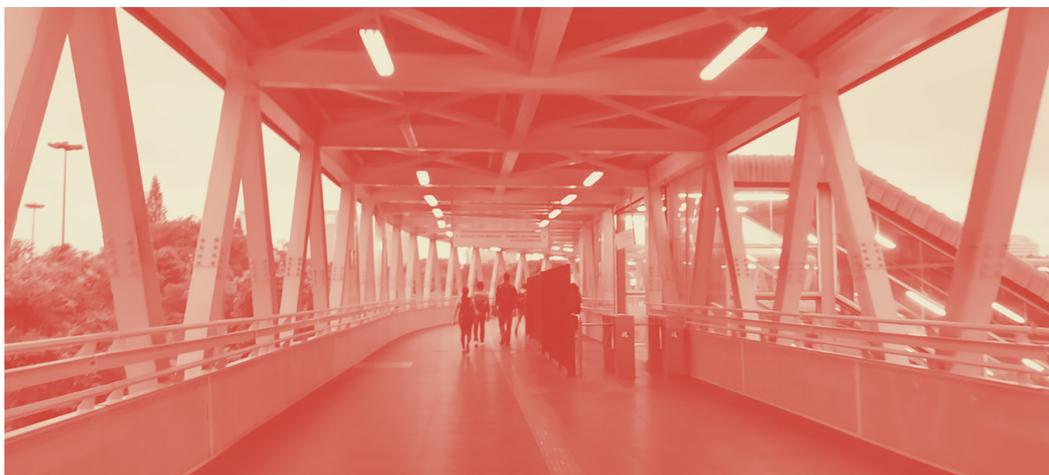


Figura 2. Percurso urbano acompanhado de Marta na plataforma de acesso entre os terminais Parque Dom Pedro II e Mercado, em São Paulo. A imagem apresenta catracas de acesso, a estrutura construtiva da passarela e circulação de passageiros entre ambos os terminais.

Fonte: arquivo da pesquisa de Santos (2024).



Figura 3. Percurso urbano acompanhado de Marta, no ônibus, em um ponto na Avenida Aricanduva, em São Paulo. Na imagem, é possível ver passageiros espremidos pela lotação do veículo, uma mensagem tarifária com o valor de R\$ 4,40 para o embarque e sinalização para o uso de máscaras

Fonte: arquivo da pesquisa de Santos (2024).

As restrições de tempo são uma preocupação constante na vida de Marta. Seu dia é rigidamente dividido entre obrigações familiares, trabalho e deslocamentos, deixando pouco tempo para atividades de lazer e descanso. Essa falta de tempo livre afeta não apenas sua qualidade de vida, mas também sua saúde física e emocional. Ela destaca:

Olha, a nossa vida é muito corrida, a nossa vida é mais trabalho do que lazer, mas assim, [...] de vez em quando a gente sai. Quando tem condições de sair para algum lugar, a gente sai, ou fica em casa curtindo a família mesmo. (Santos, 2024, p. 136)

Sua condição periférica lhe proporciona compreensão da complexidade da vida urbana na periferia. Marta ressaltava os desafios enfrentados por ela e por outros sujeitos periféricos que precisam conciliar múltiplas responsabilidades, marcados pelo tempo imposto aos deslocamentos e trabalhos e em cujos espaços há claras diferenças nos meios de consumo coletivos, o que os impossibilita de experimentar bem-estar e vida familiar:

O percurso é cansativo, bastante mesmo, porque acostumada (sic) ir de carro, ir e voltar, e de repente pegar um trajeto desse, então, assim, mudou totalmente minha rotina. Uma coisa que eu era acostumada a chegar e fazer alguma coisa ainda em casa, eu não tenho mais pique, porque é tão cansativa a condução, eu já chego esgotada, cansada mesmo. (Santos, 2024, p. 140)

3.3. Joana: educadora periférica

Joana se compreende como uma sujeita que valoriza profundamente sua vivência na periferia. Entretanto, sua narrativa evidencia dificuldades associadas a essa condição periférica, como falta de acesso a equipamentos públicos de qualidade, infraestrutura precária e serviço de transporte coletivo ineficiente. Em particular, compartilha suas preocupações sobre a inadequação do transporte coletivo, especialmente para aqueles que vivem em áreas mais distantes em relação ao centro, como São Mateus e Cidade Tiradentes. Essas dificuldades afetam não apenas sua própria rotina, mas também a de outros sujeitos:

Trabalho em São Paulo; é uma coisa muito louca, assim, transporte, a quantidade de gente, e eu achei que o monotrilho fosse até facilitar; não é que não esteja, mas atender um pouco melhor esses trajetos de superlotação, essa curva precarizada [...]. Tem vários Cidade Tiradentes lotados, abarrotados de trabalhadores que vêm pra cá e fazem essas baldeações; [...] continua superlotado, e é maior tristeza ver isso acontecendo, porque parece que não supre a distribuição, não alcança todo mundo, não possibilita um acesso a metrô, a esse

transporte público com mais dignidade [...]. Eu fico ansiosa dentro do metrô, é um espaço gelado, me irrita muito mais do que o simples fato de ter que lidar com essa precariedade do transporte [...]. Eu acho que o transporte em si me dá uma quebrada no emocional. (Santos, 2024, p. 146)

Apesar disso, a identidade e o senso de pertencimento de Joana estão profundamente enraizados em sua condição periférica. Na periferia, ela se sente em casa e acolhida. Ademais, tem capacidade avaliativa, destacando semelhanças e diferenças entre São Mateus e Cidade Tiradentes e afirmando que tal condição periférica moldou sua visão de mundo e sua identidade. Apesar dos desafios socioeconômicos, Joana valoriza relações comunitárias e o apoio mútuo entre os moradores, ressaltando a resiliência e a solidariedade presentes nessas áreas.

É um bairro que eu me encontrei muito, me sinto em casa, porque é muito semelhante com Cidade Tiradentes, onde eu conheço; é bem mais tranquilo, inclusive. (Santos, 2024, p. 150)

As atividades e a cultura na periferia desempenham um papel significativo na rotina de Joana e estão presentes em seu percurso (Figura 4). Ela descreve suas atividades cotidianas, como idas ao salão de cabeleireiro, prática de esportes e visitas ao mercado local. Além disso, destaca a importância dos espaços culturais na periferia, como a Fábrica de Cultura em Jova Rural, onde ensina arte para crianças e adolescentes, evidenciando o papel vital desses locais na promoção da expressão artística e no fortalecimento da identidade cultural.

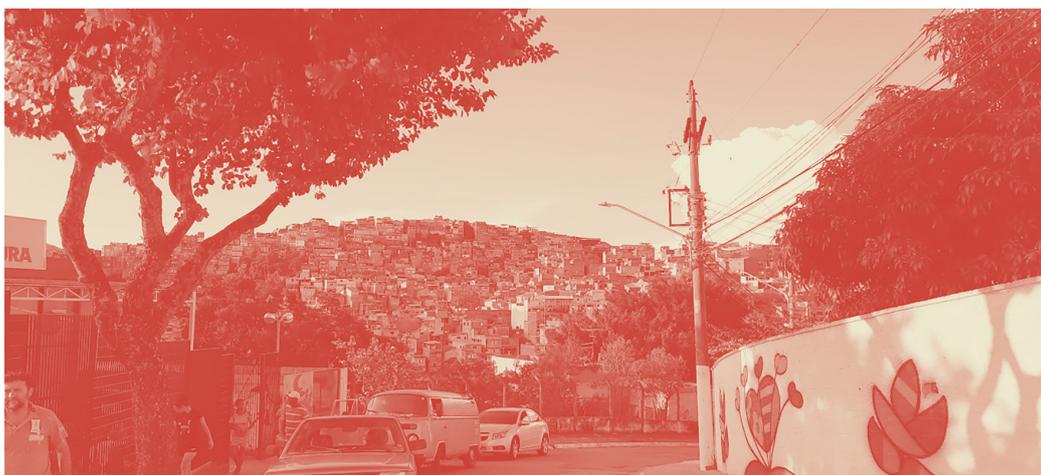


Figura 4. Percurso urbano acompanhado de Joana. Ao fundo, o morro da Jova Rural e, em primeiro plano, a Fábrica de Cultura Jaçanã. A imagem mostra pessoas circulando na rua ao lado de carros. Fonte: arquivo da pesquisa de Santos (2024).

Apesar de sua conexão profunda com a periferia, Joana enfrenta desafios relacionados à segurança em seu dia a dia. Assédios e violências são preocupações constantes, especialmente ao caminhar sozinha em determinadas áreas. Isso resalta a necessidade de estar constantemente vigilante ao se locomover pela cidade, especialmente durante a noite, chamando atenção para os desafios enfrentados pelos residentes da periferia em termos de segurança e bem-estar.

3.4. Dante: a periferia e suas transformações

Dante é um observador atento das dinâmicas urbanas e compartilha suas experiências na periferia de São Mateus, revelando como esses espaços são frequentemente esquecidos quando se trata de investimentos em meios de consumo coletivo. A paisagem da periferia, segundo ele, é uma colcha de retalhos de habitações informais, espaços públicos e verdes abandonados e uma rede de transporte coletivo insuficiente. Ainda assim, Dante enfatiza a resiliência e a vitalidade das comunidades, que, mesmo diante de adversidades, conseguem criar redes de apoio e espaços culturais vibrantes.

Em sua narrativa, Dante também reflete sobre as transformações que estão remodelando a periferia urbana, como a construção de novos equipamentos e infraestruturas, incluindo o monotrilho. Ele reconhece o potencial dessas mudanças para melhorar a mobilidade urbana e a acessibilidade das áreas periféricas (Figura 5), mas alerta para os efeitos colaterais, como o aumento no custo de vida e a gentrificação, que podem deslocar as populações locais. A preocupação de Dante é palpável quando menciona que as comunidades frequentemente não são consultadas nem necessariamente beneficiadas pelos projetos de desenvolvimento que acontecem em seus territórios.

Eu comecei a observar mais o que a gente tem em cada espaço, em cada território, então eu tô muito observador no ônibus, assim, ou quando eu tô no monotrilho, quando tô num lugar mais alto, fico tendo aquela visão de mapa [...], o que há no espaço, como ele é ocupado, então meio que a distração no transporte mudou pra outra coisa. (Santos, 2024, p. 164)

Eu peguei esse ônibus quase na parte mais baixa da [Avenida] Mateo Bei, ali você tem mais coisas de mecânica e de autopeças, enfim, é uma área mais, digamos, menos dinâmica, entre aspas, e tem lá os bordéis, as igrejas, tudo junto, que é até engraçado, um bordel, uma casa de DST¹/Aids, enfim, que é interessante, e a igreja evangélica, coisas assim que são meio, que você fica pensando nos valores, na moral que tá envolvida naquilo ali. (Santos, 2024, p. 164)

1. A terminologia atualmente utilizada é IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), de acordo com a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo

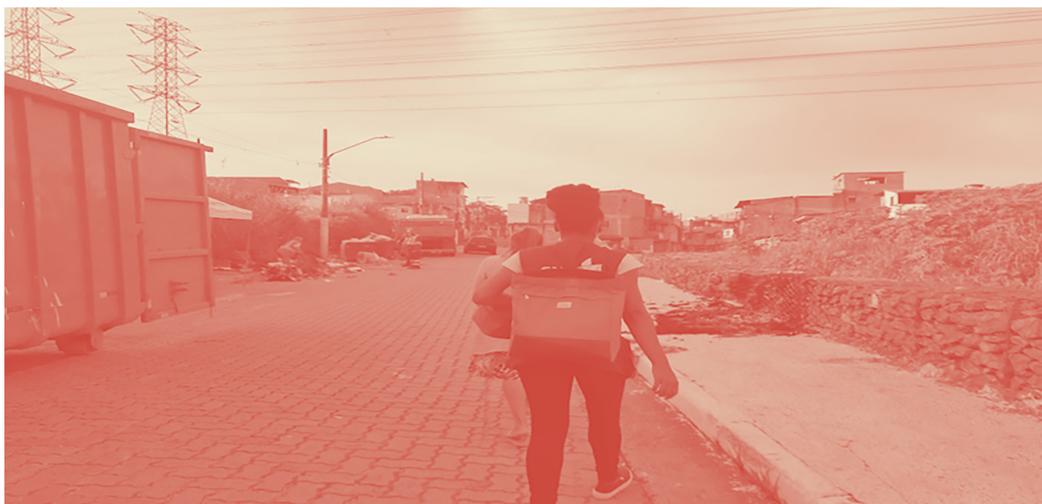


Figura 5. Percurso urbano acompanhado de Dante, favela do Jardim Nove de Julho, em São Paulo. A imagem mostra uma assistente de saúde caminhando por uma rua de paralelepípedo ao lado do córrego, com construções no seu entorno e torres de energia.

Fonte: arquivo da pesquisa de Santos (2024).

A vida cultural da periferia é outro elemento presente em suas observações. Dante destaca sua participação em coletivos culturais e espaços de expressão artística, sublinhando como esses ambientes são essenciais para fomentar a identidade e a autoexpressão das comunidades periféricas. Ele valoriza o papel dos artistas e ativistas locais que lutam por justiça social e trabalham na preservação da memória coletiva e histórica das áreas periféricas. Relembra os espaços culturais nos quais circulava, que compunham suas experiências urbanas:

A mobilidade foi por muito tempo [durante a pandemia] praticamente do quarto, sala, TV [...]. Anteriormente, circulava em muitos espaços de cultura, conciliando com as atividades realizadas também com o coletivo em que era atuante, espaços como a Casa de Cultura de São Mateus, São Mateus em Movimento, Sarau do Vale, Comungar, Ocupação Coragem, além das áreas que executa atividades voltadas pra cultura, memória e patrimônio, na Casa de Cultura Hip-Hop, Pombas Urbanas, em Cidade Tiradentes, Biblioteca Solano Trindade. (Santos, 2024, p. 162)

Por fim, Dante reconhece os contextos complexos que permeiam a periferia e a falta de investimentos significativos, mas vê enorme potencial de mobilização e resistência entre os moradores. Para ele, fortalecer as redes de solidariedade e incentivar o ativismo e a participação comunitária seriam passos fundamentais para construir justiça social nas periferias.

3.5. Guta: a ausência de pertencimento

Ao descrever seu cotidiano, Guta, residente de Cidade Tiradentes, revela um conjunto de desafios e reflexões que ecoa e influencia suas experiências urbanas. Em seu percurso cotidiano para o trabalho (um de seus trechos está retratado na Figura 6), relata dificuldades oriundas da falta de segurança pública, evidenciada por relatos de violência sofrida por ela e sua família. Essa realidade deixa marcas profundas em suas representações de Cidade Tiradentes, levando-a a expressar, em sua narrativa, sua falta de pertencimento e seu desejo por um ambiente mais seguro e acolhedor:

Eu, uma vez saindo, com ela [sua mãe] [...], um cara, assim, fingindo que tava armado, e ele não tava armado mesmo, foi um terror, sabe? Até eu fiquei com trauma, porque ele me bateu ainda. (Santos, 2024, p. 174)

Porque não conhecemos ninguém, assim, no máximo o vizinho do lado, mas eu não tenho amigos, eu nunca estudei [...]. Assim, eu acho um lugar muito perigoso [...]. O pessoal sempre segue o mesmo rumo lá, sabe? E minha mãe optou: “Vocês [Guta e seu irmão] vão estudar longe, não vão estudar aqui não”. (Santos, 2024, p. 186)



Figura 6. Percurso urbano acompanhado de Guta, em frente à estação Guaianases da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), em São Paulo. A imagem mostra dois homens idosos sentados à frente de suas bancas de produtos alimentícios. Através das grades, é possível ver a plataforma do trem, onde há pessoas esperando para embarcar nos vagões

Fonte: arquivo da pesquisa de Santos (2024).

Além disso, seu relato sobre o transporte coletivo revela dificuldades enfrentadas pelos moradores da periferia para se deslocarem pela cidade. A falta de opções de transporte impacta sua qualidade de vida e o acesso a oportunidades de trabalho, lazer e educação. No trecho a seguir, Guta relata sua impressão sobre Cidade Tiradentes e a Lapa, seu local de trabalho:

Cidade Tiradentes é muito mais poluído. É claro que principalmente ali onde eu moro tem árvores, mais árvores, e parece ser mais bonito em alguns pontos, mas é muito mais poluído, não é um lugar legal, sabe? Não é um lugar legal aqui, eu acho mais tranquilo, acho que pela tranquilidade de não ser um lugar perigoso já me deixa melhor, sabe? Lá em Tiradentes, tem certos pontos, assim, que são mais bonitos pela natureza, que tem bastante. Não sei se já viu a parte de trás da minha casa, é uma floresta mesmo, só que é super perigoso, não é um lugar legal. Eu me sinto bem melhor aqui do que lá. (Santos, 2024, p. 184)

Ao longo de sua narrativa, Guta também aborda questões relacionadas ao acesso a meios de consumo coletivo. Ela destaca a carência de espaços de lazer e entretenimento em sua região, apesar de reforçar que não tem interesse em procurar esses locais disponibilizados pelo bairro, centrando suas atividades em outras áreas da cidade.

3.6. Isaac: estratégias

Para Isaac, morador de São Mateus, a periferia é um lugar de contrastes e complexidade. Ele reconhece a presença de meios de consumo coletivo essenciais, como transporte público e equipamentos e serviços de saúde, mas também suas deficiências e limitações. Sua experiência com o transporte coletivo revela a importância desse serviço para a mobilidade das pessoas da periferia, ao mesmo tempo que expõe dificuldades enfrentadas, como superlotação e falta de acessibilidade nos diferentes modais e equipamentos.

Isaac também compartilha preocupações sobre segurança e qualidade de vida na periferia. Observa a desigualdade social e a diferenciação socioespacial entre áreas mais bem dotadas de meios de consumo coletivo e a periferia:

Isaac: À medida que vamos chegando na Vila Prudente, os bairros vão ficando mais urbanizados, digamos assim, mas, sei lá, aparentam ser mais seguros também [...].

Entrevistadora: Isso é uma percepção de algo que você ouviu, vivências ou só observação da paisagem?

Isaac: Por observar e por ouvir também. O pessoal costuma falar que essa região do Sapopemba é muito violenta, né? Eu nunca presenciei nada, nunca fui assaltado nem nada, mas já ouvi muitos relatos de pessoas próximas também, em questão de assaltos, até mesmo assédio também já ouvi. (Santos, 2024, p. 220)

No entanto, apesar dos desafios, Isaac reconhece o valor e o potencial das comunidades periféricas. Destaca a resiliência e a solidariedade presentes nessas áreas, evidenciadas por iniciativas locais, como grupos voluntários ligados a

igrejas de vertente evangélica, dos quais participa, que oferecem assistência aos moradores em situação de vulnerabilidade. Sua visão sobre a periferia é, portanto, multifacetada.

3.7. Hortência: vivências e comunidade

Hortência também oferece uma perspectiva multifacetada sobre a periferia, especialmente a partir de suas experiências derivadas de viver e trabalhar em Cidade Tiradentes e Guaianases, indicando reconhecimento da periferia como potencialidade.

Ela destaca as dificuldades de mobilidade enfrentadas pelos moradores, desde a falta de opções de transporte até as condições precárias de acessibilidade nas ruas e calçadas. Ao mencionar a presença de faixas exclusivas para o fluxo de carros e transporte público em uma via principal, ressalta a desigualdade no acesso a diferentes áreas e a necessidade de políticas que priorizem o bem-estar dos habitantes. Além disso, Hortência discute a importância dos meios de consumo coletivo na periferia, como os mercados municipais e as Unidades Básicas de Saúde, sublinhando seu papel na vida cotidiana da população. Ela valoriza o que está disponível localmente, como o cinema gratuito e os espaços culturais:

Eu procuro acessar a cidade como um todo. O centro, são poucas vezes que eu procuro sair. As minhas coisas são bem colocadas aqui mesmo, mas isso já é um critério meu, por conta desse cansaço, porque eu acho que estamos na era da saúde mental, e isso conta muito, esse nervoso de esperar o ônibus, de muitas vezes ir em pé, é meio trocado com as pessoas, porque tá todo mundo mesmo cansado, fisicamente e mentalmente. Então, eu procuro utilizar mais o que há dentro do meu bairro e procuro inclusive conhecer o meu bairro muito bem pra que eu possa utilizar o que tem dentro dele. (Santos, 2024, p. 207)

3.8. Inácio: multideslocamentos

Em seu percurso entre Castro Alves, na Cidade Tiradentes, e outras localidades da cidade, Inácio avalia a precariedade dos equipamentos e serviços de transporte coletivo e mostra compreender a diferenciação socioespacial e as desigualdades sociais.

Ele se envolve em projetos voluntários, coordenando iniciativas que proporcionam aos jovens da comunidade espaços de convívio e aprendizado. Essas atividades oferecem oportunidades de socialização e constituem importante apoio para o desenvolvimento pessoal e coletivo dos jovens que praticam esportes. No entanto, Inácio é constantemente desafiado pela sua condição periférica.

Mais de um terço de seu dia é consumido pelos deslocamentos, que tomam longas horas de sua jornada. Ele destaca:

Acho o transporte coletivo cansativo, demora muito, estressante [...]. Gosto mais do meu trabalho como motorista do que de ser usuário do transporte coletivo [...]. Hoje foi um dia que gastei mais tempo na mobilidade do que no trabalho. (arquivos de pesquisa de Santos, 2024)

Considerações finais

Buscamos engajamento direto e significativo com o cotidiano dos sujeitos nas periferias urbanas, avaliando suas experiências registradas em narrativas que envolvem a mobilidade e a condição periférica. Essa abordagem revelou as complexidades e os desafios cotidianos enfrentados pelos sujeitos periféricos e destacou a potencialidade de uma reflexão que considere o sujeito periférico. A metodologia adotada neste trabalho serve como um convite para se repensar práticas convencionais em estudos urbanos e considerar as periferias não apenas como espaços de análise, mas como pontos de partida para uma compreensão mais abrangente da urbanidade que tenha potencial para transformar a perspectiva centro-periférica.

A mobilidade urbana emergiu como ponto nodal de nossa investigação, revelando-se um recorte fundamental para compreender os deslocamentos dos sujeitos nos espaços urbanos e, sobretudo, as relações sociais, culturais e políticas que moldam suas experiências urbanas a partir de suas práticas socioespaciais. Tais experiências, como narrativas periféricas, despontaram como um elemento essencial de nossa análise, pois representam uma perspectiva muitas vezes subdimensionada na pesquisa urbana. Ao investigar as experiências dos sujeitos nas áreas periféricas, fomos confrontados com a diferenciação socioespacial e as desigualdades sociais, bem como as manifestações e construtos que emergem em resposta a esse estado que caracteriza hoje uma condição periférica nas cidades brasileiras.

Essa perspectiva de uma condição periférica nos convida a repensar a distribuição territorial dos meios de consumo coletivo e a possibilidade de visões de mundo e epistemologias sobre a produção social do espaço urbano que partam dos sujeitos periféricos.

Devemos indicar, também, que a lógica centro-periférica passa, a partir de nosso enfoque, a ser subvertida por uma lógica fragmentária que se expressou pela apropriação atomizada da cidade pelos sujeitos periféricos; pelo reconhecimento de centralidades múltiplas materializadas em espaços periféricos e em sua apropriação pelos sujeitos periféricos; pelo protagonismo na construção de sua condição periférica, apreendida a partir das narrativas que avaliamos, e na reflexão sobre tal condição.

A pesquisa foi essencial para revelar o caráter multifacetado da condição periférica, destacando como categorias como raça, gênero e classe se interseccionam nas experiências urbanas, tornando as pesquisas nesse campo mais complexas e profundas. Embora nem todos os elementos tenham sido explorados exaustivamente, o estudo aponta para o potencial das metodologias etnográficas de captar as narrativas e práticas cotidianas dos sujeitos periféricos.

Estamos interessados em aprofundar as experiências urbanas como um movimento epistemológico para repensar o urbano, valorizando essas vivências como elementos centrais para a produção de novas leituras e epistemologias sobre a cidade. Assim, a pesquisa abre caminhos para futuras investigações que avancem na compreensão das dinâmicas periféricas e ampliem a análise das práticas espaciais e das narrativas urbanas.

Como principal contribuição, portanto, este texto deixa uma metodologia composta por conceitos, procedimentos e técnicas que servem à avaliação da mobilidade urbana, da condição periférica e da investigação por meio de narrativas e do registro de vozes de sujeitos periféricos.

Referências

- BABY-COLLIN, V. Estar en la ciudad y ser de la ciudad: convertirse en ciudadano en los barrios populares de Caracas y La Paz. *Trace*, n. 42, p. 38-53, 2002.
- BARONE, A. C. C. Periferia como questão: São Paulo na década de 1970. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP*, v. 20, n. 33, São Paulo, p. 64-85, 2013.
- BATISTA, S. P. M.; SPOSITO, M. E. B. A pesquisa narrativa nos estudos urbanos: uma análise das práticas espaciais cotidianas para compreensão da lógica socioespacial fragmentária. *GeoTextos*, v. 19, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/56090>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- BECKER, H. S. *Etnografia urbana: técnicas e observações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BONDUKI, N. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2007.
- BRETON, H. Pesquisa narrativa: entre descrição da experiência vivida e configuração biográfica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 1138-58, out./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/QxBVRnWrSypHwTpCbdShP3f/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- _____. *Investigação narrativa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2023.

- CANETTIERI, T. *A condição periférica: uma crítica da economia política do espaço em paralaxe*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- _____. *A condição periférica*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.
- CERTEAU, M. de. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- CRUZ, T. S. da; LEGROUX, J. Estigma territorial e diferenciações socioespaciais da/na periferia: o caso do Pimentas (Guarulhos-SP). *Terra Livre*, v. 2, n. 59, p. 396-435, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2938>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- D'ANDREA, T. P. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- _____. Contribuições para a definição dos conceitos “periferia” e “sujeitas e sujeitos periféricos”. *Novos Estudos Cebrap*, v. 39, p. 19-36, 2020.
- _____. (Org.). *Reflexões periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas*. São Paulo: Dandara Editora, 2021.
- _____. *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: Dandara Editora, 2022.
- D'OTTAVIANO, C. Moradia, emergência e resistência. In: LIMONAD, E.; MONTEIRO, J.; MANSILLA, P. (Orgs.). *Planejamento territorial. Reflexões críticas e práticas alternativas*. 1. ed. v. 2. São Paulo: Max Limonad, 2021. p. 100-30.
- FLORES, I.; PIRES, B.; COELHO, M.; REDON, S.; SANTOS, K.; BERNARDES, A.; COUTO, D. App O.Way: plataforma de monitoramento para analisar fragmentação espacial urbana no Brasil. In: WORKSHOP SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA COMPUTAÇÃO NA SOCIEDADE (WICS), 4, 2023, João Pessoa. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 195-202. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/wics.2023.229871>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- FREHSE, F. Erving Goffman, sociólogo do espaço. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, t. 23, n. 68, p. 155-66, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/FQ8qBTYSdFrx3V8YNw6Bdch/>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- _____. Quando os ritmos corporais dos pedestres nos espaços públicos urbanos revelam ritmos da urbanização. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 1, p. 100-18, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.22234>. Acesso em: 15 maio 2023.
- FREITAS, C. A. de O. *Mulheres e periferias como fronteiras: o tempo-espaço das moradoras do Conjunto Habitacional José Bonifácio*. Coleção Caramelo. São Paulo: FAU-USP, 2021.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- GÓES, E.; MELAZZO, E. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022.
- GÓES, E. et al. Entrevistas com cidadãos. Perspectivas para a análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária. In: GÓES, E. M.; MELAZZO, E. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. p. 71-122.

- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. Garden City: Anchor Books, 1967.
- HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: contribuições históricas e debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Revista Mediações* (UEL), v. 20, p. 97-128, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- HIERNAUX, D.; LINDÓN, A. Geografia urbana: una mirada desde América Latina. In: HIERNAUX, D.; LINDÓN, A. (Dirs.). *Tratado de geografía humana*. Barcelona: Anthropos-UAM-I, 2006. p. 95-128.
- JESUS, P. M.; CATELAN, M. J. V.; CALIXTO, M. J. M. S. Percursos acompanhados casa-trabalho-casa. Perspectivas e construção metodológica. In: GÓES, E. M.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022.
- KOLLONTAI, P. *Narrativas da periferia*. São Paulo: Editora das Massas, 2017.
- KOPPER, M.; RICHMOND, M. Apresentação: situando o sujeito das periferias urbanas. *Novos Estudos Cebrap*, v. 39, n. 1, p. 9-17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300202000010011>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LAREAU, A. *Pesquisa urbana: estrutura social e prática etnográfica*. São Paulo: Editora Universidade, 2003.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000.
- _____. *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.
- LOJKINE, J. *O estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002.
- MARES, R. M.; PAULA, L. A. C. de. Marcadores de gênero e raça na vida de mulheres negras do espaço urbano: do limitante direito à cidade às estratégias de resistência. *Terra Livre*, v. 2, n. 59, p. 38-73, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2942>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- MARICATO, E. *Brasil, cidades: alternativas para a Crise Urbana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- MERRIFIELD, A. *The New Urban Question*. London: Pluto Press, 2015.
- MOUTINHO, L. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 27-66, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645121>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- PEREIRA, S. R. *Percursos urbanos: mobilidade espacial, acessibilidade e o direito à cidade*. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

- RATTS, A. J. P. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. In: XXVII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS), 2003, Caxambu. *Anais [...]*, 2003, v. 1.
- ROLNIK, R. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- SANTOS, K. M. S. *A fragmentação socioespacial nas periferias da metrópole de São Paulo: um estudo sobre o cotidiano nas experiências urbanas e mobilidade urbana em São Mateus e Cidade Tiradentes*. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2024.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec Editora, 1978.
- _____. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, Secretaria de Estado da Cultura, 1990a.
- _____. *Por una geografía nueva*. Madrid: Espasa-Universidad, 1990b.
- _____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec Editora, 1994.
- _____. *O espaço do cidadão*. 7. ed., 3. reimpr. São Paulo: Edusp, 2020.
- SINGH, D. Z. Cidades, práticas e representações em movimento: notas para uma análise cultural da mobilidade como experiência urbana. *Tempo Social*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 35-54, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/142171>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- SILVA, J. M. *Contranarrativas periféricas*. Rio de Janeiro: Editora Favela, 2019.
- SILVA, J. M.; SILVA, M. das G. S. N. Introduzindo interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriatividades do saber geográfico. In: SILVA, M. das G. S. N.; SILVA, J. M. (Orgs.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora, 2014.
- SOUSA, A. J. Entre o cristalizado e o vivido nas memórias dos sujeitos históricos de um distrito periférico de São Paulo: vida cotidiana em São Mateus (1946-1992). In: SEMINÁRIO NACIONAL DO CMU, 9, 2019, Campinas. *Anais do IX Seminário Nacional do CMU – Memórias e histórias locais: esquecimento, diversidades culturais e identidades*, 2019.
- SPOSITO, M. E. B. Diferenças e desigualdades em cidades médias no Brasil: da segregação à fragmentação socioespacial. In: LATIN AMERICA STUDIES ASSOCIATION, 37, 2019, Boston. *LASA2019 Congress Papers*, 2019, v. 1. p. 1-25.
- _____. Fragmentação socioespacial e consumo na periferia de São Paulo. Tlalli. *Revista de Investigación en Geografía*, n. 8, p. 56-85, 2022. Disponível em: <https://revistas.filos.unam.mx/index.php/tlalli/article/view/1828>. Acesso em: 2 out. 2024.
- TELLES, V. da S. The 1970s: Political Experiences, Practices and Spaces. In: KOWARICK, L. (Org.). *Social Struggles and the City: The Case of São Paulo*. New York: Monthly Review, 1994. p. 174-201.
- _____. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: TELLES, V. da S.; CABANES, R. (Orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

Karina Malachias Domingos dos Santos

Doutoranda e mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/Unesp). Licenciada e bacharela em Geografia pela mesma faculdade. Pós-graduanda especialista com ênfase em mobilidade e cidade contemporânea da Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Atua como pesquisadora nas áreas de produção do espaço urbano, periferias urbanas, experiências urbanas, cotidiano, mobilidade urbana e fragmentação socioespacial.

Email: karina.malachias@unesp.br

ORCID: 0000-0002-5836-8671

Contribuição de autoria: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação/Pesquisa; Metodologia; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição.

Arthur Magon Whitacker

Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/Unesp). Graduado (bacharelado e licenciatura), mestre e doutor em Geografia pela mesma faculdade. Possui pós-doutorado pela Universidade do Porto e realizou estágios de pesquisa em outras universidades estrangeiras. Investigador associado do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (Cegot), da Universidade do Porto, pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre

Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), da Unesp, e pesquisador da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (Recime). Atua principalmente nas áreas de geografia urbana e urbanismo e planejamento urbano, com pesquisas sobre produção do espaço urbano, estruturação urbana, morfologia urbana, centralidade intraurbana e cidades médias. Bolsista de produtividade em pesquisa nível 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Email: arthur.whitacker@unesp.br

ORCID: 0000-0002-7112-4137

Contribuição de autoria: Conceituação; Análise Formal; Supervisão/Orientação; Escrita – Revisão e Edição.

Submissão: 30 de abril de 2024.

Aprovação: 9 de janeiro de 2025.

Editores da RBEUR: Maria Encarnação Beltrão Sposito e Everaldo Santos Melazzo.

Editores do Dossiê: Matthew A. Richmond, Patrícia Maria de Jesus e Jean Legroux.

Como citar: SANTOS, K. M. D. dos; WHITACKER, A. M. Narrativas periféricas e etnografias urbanas: a ótica cotidiana dos sujeitos sobre as experiências urbanas. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202520pt, 2025 DOI: <http://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202520pt>.

Artigo licenciado sob Licença Creative Commons CC BY 4.0.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR